

## **GEOMÉTRICAS: PERSPECTIVAS FEMININAS**

### **Texto de Christiane Laclau**

No pórtico de entrada da Academia de Atenas, lia-se: “Não entre quem não for geômetra”. Platão consolidou o entrelaçamento entre o pensamento filosófico e a racionalidade matemática expressa pela geometria, conhecimento levado do Egito à Grécia por Pitágoras e por Tales de Mileto. Para Heródoto, a geometria tem uma função prática, já no entender de Aristóteles, ela é puramente teórica. O platônico Euclides, “pai da geometria”, considerava o espaço como imutável, simétrico e geométrico. Este pensamento se manteve inalterado durante a Idade Média e o Renascimento. Somente na modernidade os modelos geométricos não-euclidianos foram propostos por Carl Friedrich Gauss e Bernhard Riemann. A perspectiva masculina predominou por séculos na racionalidade geométrica ocidental.

A coletiva GEOMÉTRICAS: PERSPECTIVAS FEMININAS confronta essa tradição. O diálogo entre diferentes conceitos, pesquisas, propostas e abordagens das artistas reunidas em órbita do tema proposto pela curadoria apresenta diversas provocações estéticas, éticas e filosóficas.

As artistas Alice Gelli, Amália Giacomini, Elizabeth Jobim, Marina Caverzan, Marina Rodrigues e Renata Tassinari levam adiante a geometria dos caminhos abertos pelas pioneiras Lygia Clark e Ligia Pape, herdeiras das tradições construtivas do De Stijl, da Bauhaus e do construtivismo russo.

Em sua produção, Alice Gelli altera a percepção habitual dos planos. O trabalho se alonga pelos ângulos das quinas e assim seduz o olhar. Suas dobras nas superfícies planas expandem o pensamento e a percepção dimensional, criando um espaço além do espaço. A exploração de diferentes configurações do chassi tradicional alcançou uma amálgama de função e forma. A desconstrução, como interesse conceitual e de resultado plástico, é a principal característica de suas obras presentes na mostra.

O uso da estrutura como assunto da obra estabelece um paralelo com os trabalhos de Renata Tassinari que interagem com o espaço arquitetônico. O acrílico e a madeira combinam suas diferentes texturas à aparente simplicidade cromática e desenham, através de elementos angulares, uma sugestão de incompletude a ser preenchida pelo observador, que percorre as trilhas pictóricas com o olhar. Fragmentos de uma realidade imaginada pela artista, que se reconstrói na extradimensão de espaço-tempo do pensamento daquele que frui a obra.

O trabalho de Amália Giacomini refrata uma chave de definição. A geometria e a artesanaria, componentes do seu universo mental, estão a serviço da obra. Da dicotomia entre a imprecisão do fazer artesanal e a organização racional prévia, emergem as sobreposições de recortes de telas anti-chamas e de correntes de armarinho que

pendem no ar. Assim, as peças criam ilusões de massa e de profundidade conforme a incidência luminosa e a postura do observador. As curvas catenárias, formadas pela ancoragem de linhas sujeitas apenas à força da gravidade, configuram-se de acordo com o espaço expositivo.

Essa ressignificação artística de materiais mundanos conflui com a produção de Marina Rodrigues. A artista transcende o uso rotineiro de chapas de ferro, que ela adquire como sucata. Recortes de aço, acrílico e fita adesiva, em obras que emulam diagramas eletrônicos fictícios e mapas de um urbanismo fantástico, abstraem a função original do material com rigor e equilíbrio plástico. Com exceção de seus trabalhos escultóricos, as sugestões de plantas baixas, assim como a de multiversos e a de sólidos arquitetônicos, desmontam a impressão de superfície plana e propõem formas com presença tridimensional.

Por sua vez, Elizabeth Jobim se vale do linho colorido como material pictórico. Das sensações provocadas pela necessidade de recolhimento e de precaução, surge a evolução de sua experimentação com tecidos. As camadas de cores e de materiais se abraçam e envolvem a estrutura do trabalho quase que afetuosamente. A costura, nas junções, os cortes no pano e a natureza irregular e elástica do material – suas tramas e texturas –, compõe telas que se sobrepõem, formando módulos que convidam a uma experiência tátil, para além do olhar. Esses trabalhos se relacionam intimamente com suas já bem conhecidas pinturas a óleo, também presentes na exposição.

A expressão pictórica igualmente constitui as obras de Marina Carvezan. O simbolismo, expresso na recorrência da utilização de linhas e de formas geométricas simples, trafega no limite entre o abstrato e o etéreo. As questões ligadas a sua investigação estão implícitas no conceito de épura, da geometria descritiva: a transposição de sólidos para a dimensão plana. As linhas em seus quadros derivam da composição do diamante bruto e dos cortes feitos nele para transformação do mineral em brilhante. Seus Diamantes são decomposições – de cor, claridade, corte e quilate – em imagens que projetam a potência latente presente no mineral original. Já em sua série de pinturas esotéricas, a artista utiliza cores alquímicas – nigredo, albedo e rubedo – para a representação do oculto: uma dimensão invisível aos olhos.

Esta exposição celebra as visões do abstracionismo geométrico que essas mulheres vêm desenvolvendo em suas trajetórias artísticas. Esse campo – historicamente dominado por homens – está defronte, no século XXI, da luta pela equidade de gênero, que vem alcançando, cada vez mais, mudanças na sociedade e na arte.

Exposição coletiva GEOMÉTRICAS: PERSPECTIVAS FEMININAS, 2021

Texto e curadoria de Christiane Laclau

07 de julho a 27 de agosto de 2021

Lurixs: Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil

## **GEOMETRICS: FEMALE PERSPECTIVES**

### **Text by Christiane Laclau**

On the entrance portico of the Academy of Athens, it was read: "Do not enter anyone who is not a geometer". Plato consolidated the interweaving between philosophical thought and mathematical rationality expressed by geometry, knowledge taken from Egypt to Greece by Pythagoras and Thales of Miletus. For Herodotus, geometry has a practical function, as for Aristotle, it is purely theoretical. The platonic Euclid, "father of geometry", considered space as immutable, symmetrical and geometric. This thought remained unchanged during the Middle Ages and the Renaissance. Only in modern times were non-Euclidean geometric models proposed by Carl Friedrich Gauss and Bernhard Riemann. The masculine perspective predominated for centuries in Western geometric rationality.

The collective GEOMETRICS: FEMININE PERSPECTIVES confronts this tradition. The dialogue between different concepts, research, proposals and approaches by the artists gathered around the theme proposed by the curatorship presents several aesthetic, ethical and philosophical provocations.

Artists Alice Gelli, Amália Giacomini, Elizabeth Jobim, Marina Caverzan, Marina Rodrigues and Renata Tassinari carry forward the geometry of the paths opened by pioneers Lygia Clark and Ligia Pape, heirs to the constructive traditions of De Stijl, Bauhaus and Russian constructivism.

In her production, Alice Gelli alters the usual perception of shots. The work stretches along the angles of the corners and thus seduces the eye. Its folds on flat surfaces expand thinking and dimensional perception, creating a space beyond space. Exploring different configurations of the traditional chassis achieved an amalgamation of function and form. Deconstruction, as a conceptual interest and a plastic result, is the main feature of her works featured in the show.

The use of structure as the work's subject establishes a parallel with Renata Tassinari's works that interact with architectural space. Acrylic and wood combine their different textures with the apparent chromatic simplicity and draw, through angular elements, a suggestion of incompleteness to be filled in by the observer, who runs through the pictorial trails with his eyes. Fragments of a reality imagined by the artist, which is reconstructed in the space-time extra dimension of the thought of the one who enjoys the work.

Amália Giacomini's work refracts a defining key. Geometry and craftsmanship, components of her mental universe, are at the service of the work. From the dichotomy between the imprecision of craftsmanship and prior rational organization, overlapping cutouts of flameproof screens and haberdashery chains that hang in the air. Thus, the

pieces create illusions of mass and depth according to the luminous incision and the posture of the observer. The catenary curves, formed by anchoring lines subject only to the force of gravity, are configured according to the exhibition space.

This artistic redefinition of mundane materials converges with the production of Marina Rodrigues. The artist transcends the routine use of iron sheets, which she acquires as scrap metal. Steel, acrylic and adhesive tape cutouts, in works that emulate fictitious electronic diagrams and maps of a fantastic urbanism, abstract the original function of the material with rigor and plastic balance. With the exception of his sculptural works, suggestions for floor plans, as well as multiverses and architectural solids, dismantle the impression of a flat surface and propose forms with a three-dimensional presence.

In turn, Elizabeth Jobim uses colored linen as pictorial material. From the sensations provoked by the need for recollection and caution, the evolution of her experimentation with fabrics emerges. The layers of colors and materials embrace and wrap around the structure of the work almost affectionately. The stitching, the seams, the cuts in the fabric and the irregular and elastic nature of the material – its weaves and textures – compose canvases that overlap, forming modules that invite a tactile experience, beyond the gaze. These works are closely related to his well-known oil paintings, also featured in the exhibition.

Pictorial expression also constitutes the works of Marina Carvezan. The symbolism, expressed in the recurring use of lines and simple geometric shapes, travels on the boundary between the abstract and the ethereal. The issues related to her investigation are implicit in the concept of *épura*, of descriptive geometry: the transposition of solids to the plane dimension. The lines in her paintings derive from the composition of the rough diamond and the cuts made in it to transform the mineral into a brilliant one. Her diamonds are decompositions – of color, clarity, cut and carat – into images that project the latent power present in the original mineral. In her series of esoteric paintings, the artist uses alchemical colors – *nigredo*, *albedo* and *rubedo* – to represent the occult: a dimension invisible to the eyes.

This exhibition celebrates the visions of geometric abstraction that these women have been developing in their artistic careers. This field – historically dominated by men – is facing, in the 21st century, the struggle for gender equity, which has been reaching, more and more, changes in society and art.

Collective exhibition GEOMETRICS: FEMALE PERSPECTIVES, 2021

Text and curated by Christiane Laclau

July 7th to August 27th, 2021

Lurixs: Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brazil